

## Inpe cria sistema para identificar tipo de vegetação danificada

*Tecnologia fornece dados que podem mudar visão sobre a devastação da Amazônia*

JÚLIO OTTOBONI

**S**ÃO JOSÉ DOS CAMPOS – As polêmicas em torno da localização das queimadas e seus estragos ambientais na Amazônia Legal estão para acabar. A partir deste ano, cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) terão condições de saber com exatidão que tipo de vegetação está sendo destruída pelo fogo e qual o impacto disso no ambiente. O Projeto Queimada foi desenvolvido ao longo do ano passado e entrará em operação nas próximas avaliações de incêndios na Amazônia.

O novo método utiliza imagens de satélites para conseguir definir os locais de maior concentração dos focos de incêndio e saber a espécie de cobertura vegetal existente naquela região. Assim, o Inpe saberá se o que está sendo queimado é pastagem, vegetação de cerrado ou de floresta tro-

pical. “Queremos saber se há ou não queimadas no mesmo local e o tipo de vegetação está sendo atingida”, explica o coordenador do Programa Institucional da Amazônia, João Roberto dos Santos.

As informações veiculadas sobre os incêndios na Amazônia sempre deixaram dúvidas sobre que tipo de vegetação estava sendo consumida pelas chamas. Isso ocorria tanto no meio científico como entre as autoridades governamentais e ambientalistas de todo mundo. Os números recordes de pontos de fogo mostrados pelas imagens do satélite norte-americano da Administração Nacional de Oceanos e Atmosfera (Noaa) sempre causaram a impressão de catástrofe ambiental na maior reserva natural da Terra.

**P**ROGRAMA  
COMEÇARÁ A  
SER USADO  
EM BREVE

Esse costuma ser o principal estopim para acirradas discussões, troca de acusações e movimentos de vários portes em defesa da floresta, que estaria sendo destruída pelo fogo. A falta de dados concretos levou a interpretações distorcidas sobre esse fenômeno, dando margens à disseminação de idéias, como a necessidade da internacionalização da Amazônia brasileira

para preservação ambiental da região. No entanto, tudo sempre se baseou em mera especulação. “Esse levantamento existia antigamente e não dava para falar o que realmente estava acontecendo”, comenta o cientista do Inpe.



Imagem do satélite Landsat mostra a área afetada pelo grande incêndio de 1998 em Roraima

**Landsat** – Um grande levantamento preliminar feito com dados de 1999 utilizou 156 imagens do satélite de sensoriamento remoto Landsat, correspondendo à cobertura de 60% da Amazônia Legal. Foram escolhidas as partes com maior concentração de pontos de incêndio, consideradas críti-

cas pelos pesquisadores. Sem perder o aspecto maléfico da queimada, o resultado foi surpreendente e começou a desmistificar a visão de um gigantesco incêndio florestal.

As imagens do Landsat revelaram 107 focos de incêndio na floresta, equivalente a uma área de 715 quilômetros quadrados. A porção tomada pela vegetação de cerrado (ou savana) apresentou 7,3 mil focos, correspondendo a 26,5 mil km<sup>2</sup>. Já as pastagens registraram 6,2 mil focos de incêndios, totalizando 10,2 mil km<sup>2</sup>.

Embora parte dos atuais pastos tenham sido dominados por

florestas, os números revelam um quadro diferente do propagado. “Com esse levantamento estaremos acabando com as polêmicas sobre as áreas queimadas”, reforçou Santos.

Segundo ele, apesar dos números mostrarem outra panorâmica do problema, isto não ameniza a gravidade. Contudo assegura uma leitura muito mais verídica sobre os incêndios amazônicos e destrói alguns mitos criados sobre queimadas. “Não se pode esquecer também que há sempre a incidência de fogo nas bordas da floresta no encontro com a pastagem.”

## Regeneração de área pode levar em média 30 anos

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) pretende usar sensoriamento remoto para acompanhar a recuperação de florestas na Amazônia Legal. A intenção é saber como ocorre a regeneração de áreas danificadas.

Além de usar o satélite, os cientistas pretendem visitar o local afetado. Nas viagens, a equipe deve catalogar espécies. “Já temos 160 perfis florestais inventariados, com a identificação das espécies”, diz o pesquisador João Roberto dos Santos.

Pelos cálculos do instituto, cerca de 15% das áreas desmatadas são abandonadas com o tempo. O processo de regeneração da mata nesses espaços demora, em média, 30 anos. O aumento dos estudos sobre o comportamento da floresta e das matas de transição que sofreram queimadas traz outro benefício.

Os dados obtidos nas pesquisas poderão ser cruzados com informações climáticas. Entre os dados que serão avaliados estão os períodos dos fenômenos El Niño e La Niña, que podem interferir no regime de chuvas amazônicas e mesmo nas áreas de cerrados. (J.O.)

	INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
	Documentação
Fonte INPE	Data 05/02/2001 Pg. A-10
Class. 1157/114 FOME / INIAS	